

Editorial

Caros leitores,

A publicação deste número, que fecha o ano 2020, tem um sentido muito especial para a editoria da *Plura*, e não apenas porque, mais uma vez, cumprimos a responsabilidade assumida com nosso honrado público leitor de manter o fluxo das edições desta revista, que deve sua aparição e continuidade ao esforço coletivo de pesquisadores que orbitam, em diferentes linhas de proximidade, o campo gravitacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR).

Como sabemos, o ano 2020 já entrou para os anais da história como aquele em que a população mundial foi ubiquamente varrida pelo maremoto do novo coronavírus, uma força da natureza que devastou a paisagem das sociabilidades tal como a conhecíamos e reduziu a escombros muitos planos que achávamos estar bem alicerçados no concreto da ordem normal das coisas, mas que, diante do quadro pandêmico, desmancharam-se na vaguidão de um futuro de indefinições.

Nesse cenário de devastação, sobremodo difícil, porque as ondas sísmicas do Sars-CoV-2 e de suas variantes ainda se mantêm em força ativa, sem dar qualquer mostra de refluxo, as atividades acadêmicas se acham severamente impactadas. O isolamento social, as aulas remotas, os eventos *online* e as enxurradas de *lives* nos tiraram de roldão o essencial elemento do calor humano. Para alguns, esse quadro foi rotundamente agravado pela própria infecção com o novo coronavírus, pelas demissões ou pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho, e, muito mais grave ainda, pelo luto enfrentado em face da perda de amigos e familiares pelo efeito letal dessa doença, que vem ceifando vidas a passo acelerado.

E isso tudo sem mencionar a situação de nosso país, socialmente mergulhado em uma crise econômica que empurra milhares de cidadãos à pobreza e à extrema pobreza — por obra de uma estouvada engenharia econômica governamental —, e politicamente à deriva pela falta de uma ação coordenada de enfrentamento da crise sanitária.

Em suma, amigo leitor, ao cabo de um ano, o mundo é outro!

Esse contexto catastrófico, e não se lhe dê um sentido abrandado a essa palavra, é motivo o bastante para comemorarmos a publicação deste volume 11, número 2, do ano 2020, pois ele é um marco da persistência teimosa de pesquisadores que, tateando no entulho dessa crise, dão início a essa nova fase de produção acadêmica, plena de novidades e de dificuldades, que foi aberta pela pandemia.

Seguindo a tradição de nossa ABHR, que nunca faltou ao debate público em momentos decisivos de nossa história recente, *Plura* sai à arena da discussão acadêmica, que tão necessária se mostra em tempos em que o parasita da desinformação se alimenta à farta da crise e que as pulsões autoritárias se assanham diante da atmosfera de terra arrasada que vivenciamos. Assim, nosso leitor encontrará aqui um conjunto de artigos que exploram quadros amplos dos estudos da religião, com uma paisagem teórica horizontalmente abrangente e com uma verticalidade empírica muito reveladora.

Paulo César Limongi de Lima Filho, por meio de uma narrativa autobiográfica de Cândido Feliciano da Ponte Neto, apresenta uma interpretação sobre o seu engajamento na função de diretor executivo da Cáritas do Rio de Janeiro, ressaltando o entrecruzamento da história de vida desse importante personagem com a história da própria instituição Cáritas. Josivaldo Bentes Lima Júnior e Adan Renê Pereira da Silva, com foco nos processos de cura praticadas no interior amazônico, analisam a cativante figura de dona Maria Neuza Rodrigues Gomes, curadora residente em Parintins, Amazonas. Os autores revelam interessantes traços culturais multiétnicos que fazem parte dessa tradição de cura e demonstram as frequentes tensões que se estabelecem a partir do choque entre os “saberes populares” e os “saberes oficiais”.

Denis Cotta e Fabiano Victor de Oliveira Campos foram aos livros *A arte de amar*, *Análise do homem* e *A revolução da esperança* para abordar, por meio de uma leitura analítica dessas obras e de seus principais comentadores, a concepção de amor do psicanalista Erich Fromm e sua relação com a fé, bem como a importância que esse autor atribui à superação do narcisismo no esforço de compreensão do “outro” como ele é não como gostaríamos que “ele” fosse. César Leandro Santos Gomes, partindo da imprensa católica, revela os principais traços do anti-protestantismo no campo religioso pernambucano do século XIX, especialmente após a reestruturação da Igreja após o fim da Monarquia em 1889. O autor destaca

o caso notório das rusgas entre o Frei Celestino di Pedavoli e os missionários protestantes, para demonstrar um espaço religioso conflagrado pelas disputas e marcado pela mobilização e articulação com grupos sociais dominantes.

Fabio Lanza, Matheus Henrick Pallisser Silva e Vinicius dos Santos Moreno Bustos discutem o processo de reformulação da disciplina de Ensino Religioso na Rede Pública de Ensino do Paraná, no contexto da publicação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC. A contribuição do artigo está, especialmente, na proposta de entender, por meio de investigação bibliográfica, documental e etnografia no ambiente escolar, como se fundamenta o discurso dos docentes acerca da laicidade brasileira, destacando a necessidade de uma formação profissional de professores voltada à diversidade religiosa. Já Flávio Luan Freire Lemos e André Victor Cavalcanti Seal da Cunha lançam um olhar analítico sobre as concepções abolicionistas presentes na escrita do importante líder espírita Adolpho Bezerra de Menezes, nas últimas décadas do século XIX. Para tanto, os autores recorreram ao folhetim romanesco *A Pérola Negra*, com o objetivo de mapear interlocuções que foram estabelecidas por Bezerra de Menezes com intelectuais abolicionistas, assim como destacar as principais pautas políticas por ele defendidas nos parlamentos imperiais.

Para fechar a sessão de artigos, Bernardo Britto Guerra apresenta uma reflexão sobre o processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em teologia no Brasil, consolidadas com a publicação da Resolução CNE/CES nº 4/2016. O autor estabelece um interessante painel sobre a atuação do Estado e dos diferentes agentes ligados às instituições de ensino de teologia nos espaços em que os debates acerca da adequação curricular aconteciam, como no caso grupo de trabalho liderado pelo MEC, composto por representantes de diversas religiões.

O presente número ainda conta com a entrevista realizada por Márden Cardoso Miranda Hott com Wagner de Assis, diretor, produtor e roteirista de filmes, na qual são discutidas as interfaces entre linguagem cinematográfica, espiritualidade, saúde e educação. Por fim, temos a resenha do livro *Conhecimento, ignorância, mistério* de Edgar Morin, assinada pelo pesquisador Paulo Sérgio Raposo da Silva. Uma obra, que nesses tempos tão incertos, chama atenção para elementos secundarizados pelo pensamento formal — a impermanência, a dúvida, a incerteza

e o mistério, por exemplo — como elementos a serem considerados no estabelecimento de uma compreensão do mundo e de nós mesmos.

A nossos diletos pareceristas — parceiros de primeira hora —, aos autores que submeteram seus trabalhos, à equipe e ao conselho editorial, à ABHR, enfim, aos entusiastas desse projeto, nosso reconhecimento e nosso muito obrigado.

Acompanhem a *Plura* no Instagram @plurarevista, e contribuam conosco enviando propostas de dossiês, artigos, resenhas e entrevistas. A *Plura* também pode ser acessada pelo site <https://revista-plura.emnuvens.com.br/plura>. Neste último endereço eletrônico, você encontra todas as diretrizes para os autores e submissões.

Uma excelente leitura, na segurança do devido isolamento social!

André Dionei Fonseca

Editor-chefe